

## A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Osmar Moreira de Souza Júnior  
*Universidade Estadual Paulista*

Suraya Cristina Darido  
*Universidade Estadual Paulista*

**Resumo** – Um dos principais empecilhos para a expansão da prática do futebol feminino no Brasil refere-se ao discurso preconceituoso e estereotipado que predominou durante o último século. Para manter as mulheres afastadas da prática do futebol foram utilizados argumentos de caráter biológico, cultural e psicológico. Na Educação Física Escolar, enquanto o futebol constituía-se no principal, quando não o único, conteúdo das aulas dos meninos, às meninas eram oferecidos jogos e brincadeiras infantis e entre as modalidades esportivas podia-se encontrar o voleibol, o basquetebol e o handebol. O presente estudo teve por objetivo analisar a situação do futebol feminino dentro do contexto escolar no Ensino Fundamental, procurando identificar quais são as modalidades oferecidas e qual a expectativa das alunas quanto a esta prática. Os dados foram coletados através da aplicação de um questionário a 70 alunas de 7.ª série do Ensino Fundamental, 5 de cada uma das 14 escolas da rede estadual do município de Rio Claro, SP. Os resultados indicaram que o futebol tem sido praticado pelas meninas na escola, sendo que 87,14% das alunas participantes deste estudo afirmaram já ter experienciado o futebol nas aulas de Educação Física. Porém, os meninos ainda dominam amplamente os espaços destinados à prática esportiva, especificamente o futebol na escola, de acordo com 88,57% das alunas. Quanto à preferência esportiva das meninas participantes do estudo, observa-se que o voleibol (53,52%) aparece como o esporte predileto, seguido pelo futebol (39,43%), havendo uma grande diferença entre estes dois e o handebol (4,22%) e o basquetebol (2,81%). Conclui-se que o futebol feminino passou a fazer parte do contexto escolar, embora a ocupação dos espaços destinados à prática esportiva ainda sejam predominantemente masculinas.

Palavras Chaves: Futebol – Feminino – Educação Física – Escolar – Gênero

**Abstract** - One of the main difficulties to expand the female soccer practice in Brazil refers to the stereotypic and prejudice discourse predominant during the last century. To keep the women away the soccer practices were utilised biologic, cultural and psychological arguments. In the scholar Physical Education, while the soccer was the principal, when not the unique boys classes contents, for the girls were offered infantile games and entertainment and between the sports modalities were volleyball, basketball and handball. The present study had the intention to analyse the situation of the female soccer in the scholar context of Fundamental Teaching, searching for identify the expectation about this practice. The basis were collected through the application of a questionnaire to 70 pupils on the 7<sup>th</sup> year of Fundamental Teaching, 5 pupils of each of 14 public state school from Rio Claro city, SP, Brazil. The results had indicated that the soccer had been practices for the girls in the school, 87,14 % of pupil's participants of this study has affirmed that had experimented the football in the Physical Education classes. However the boys still largely dominating the spaces destined to the sporting practice, specially the soccer in the school, according to the 88,57 % of the pupils. About the preference of girls participants in the study were observed that the volleyball (53,52 %) appears as the favourite sport, followed by soccer (39,43 %), with a large difference between this two and the handball (4,22 %) and the basketball (2,81 %). It's concluded that female soccer has passed to be part of the scholar context, however the spaces destines to the sporting practice are still predominantly male.

Key words: Soccer – Female – Physical Education – School – Gender

### Introdução

A prática do futebol pelas meninas constitui-se no tema central do presente estudo, por se tratar de uma conquista recente e ainda pouco estudada. Para melhor compreendermos este processo de transição, torna-se necessário à conceituação e algumas reflexões com relação à categoria “gênero”.

SCOTT (1995) define gênero considerando que “o núcleo central” dessa definição repousa numa conexão integral entre duas proposições:

“O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.(SCOTT, 1995, p. 86).

Portanto, ser do gênero feminino ou masculino leva a perceber o mundo de forma diferente, a estar no mundo de

modos diferentes e, em tudo isso há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que o gênero está implicado na concepção e na construção do poder.

Tomando como base a definição de SCOTT (1995), pode-se verificar que o futebol, especificamente no Brasil, estabelece algumas diretrizes pautadas em valores sexistas que merecem ser analisadas sob a ótica das relações de gênero.

## Objetivos

Partindo-se destes pressupostos, o presente estudo procura realizar uma abordagem preliminar com relação à prática do futebol pelas meninas nas aulas de Educação Física e em outras situações dentro do ambiente escolar. Pretendendo verificar, entre outros aspectos, como ocorre o desenvolvimento das aulas de Educação Física quanto ao gênero (tendo em vista que as turmas são mistas, em virtude da legislação da rede pública de ensino do Estado de São Paulo), qual a aderência das meninas à prática do futebol e a preferência desta modalidade comparada às demais sugeridas neste estudo (basquetebol, voleibol e handebol), e, como se dá a ocupação dos espaços esportivos escolares com relação ao gênero.

### *O Futebol Feminino no Brasil*

De acordo com FARIA JÚNIOR (1995), talvez um dos motivos para o atraso da prática do futebol pela mulher tenha sido devido à pouca participação e oportunidades oferecidas a elas, com uma Educação Física injusta, burguesa, branca e machista.

Com certeza o principal empecilho para a prática do futebol feminino refere-se ao discurso preconceituoso e estereotipado transmitido ao longo do último século quanto a esta prática.

Além do discurso, foram utilizados argumentos biológicos para afastar a mulher do futebol. BALLARINY (1940; citado por FARIA JÚNIOR, 1995), da Escola de Medicina, afirmou que o futebol era um esporte violento e prejudicial ao corpo feminino, podendo até causar danos permanentes aos órgãos reprodutores da mulher. Ballariny acreditava ainda que a prática do futebol masculinizava o corpo das mulheres, desenvolvendo pernas mais grossas, tornozelos mais rechonchudos, joelhos deformados. Outro falso argumento utilizado para contra-indicar o futebol feminino foi a ocorrência de lesões mamárias (FARIA JÚNIOR, 1995).

No campo psíquico, o futebol foi considerado como um agravante do espírito agressivo e combativo, qualidades incompatíveis com o gênio e com o caráter feminino (FARIA JÚNIOR, 1995).

Segundo CASTELLANI FILHO (1988), outro entrave para a implementação do futebol feminino, refere-se à legislação brasileira que, durante a época da ditadura militar, através do Conselho Nacional de Desportos (CND) baixa as seguintes instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres:

Deliberação – CND – N.º 7/65.

N.º 1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

N.º 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.

Somente em 1979, o Conselho Nacional dos Desportos, CND, através da Deliberação n.º 10, revogou a de n.º 7/65.

Apesar de todas estas dificuldades, através de pequenas manifestações que ocorreram de maneira muito lenta, a mulher começou a buscar o seu espaço nos campos de futebol. TÓDARO (1997) ressaltou que na década de 40, na cidade do Rio de Janeiro, as mulheres da classe trabalhadora lutavam contra o controle social e iniciaram a prática do futebol.

A situação do futebol feminino nacional melhorou um pouco, a partir dos primeiros anos da década de 80, quando, na gestão do doutor Manoel José Gomes Tubino, no Conselho Nacional de Desportos (CND) reconheceu que era necessário estimular as mulheres nas diversas modalidades. Em 06/03/1986, o CND baixou a Recomendação n.º 02, na qual “reconhece a necessidade de estímulo à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas no país...” (CASTELLANI FILHO, 1988).

Um grande marco na trajetória do futebol feminino foi a criação do E. C. Radar, em 1982, este clube carioca difundiu o futebol feminino brasileiro, dando-lhe crédito através de campanhas vitoriosas inclusive no exterior. Em 1988 o Radar encerrou suas atividades culminando com uma estagnação temporária do futebol feminino no Rio de Janeiro (REVISTA PLACAR, 1995; citado por TÓDARO, 1997).

A situação do futebol feminino nacional voltou a melhorar somente quando a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) repassou a administração da seleção brasileira para uma empresa particular. Foi a partir de 1994 que a Sport Promotion recebeu os direitos de cuidar e explorar o esporte até o Campeonato Mundial de 1999 (LEITE, 1999).

Com o objetivo de formar uma nova geração de atletas para integrar a seleção brasileira, a Sport Promotion organizou em conjunto com a Federação Paulista de Futebol o primeiro Campeonato Paulista de Futebol Feminino, a Paulistana-97 (FOLHA DE SÃO PAULO, 1997). Este campeonato contou com o apoio de patrocinadores próprios e com a transmissão dos jogos pela televisão.

O SAAD/Indaiatuba, percebendo que o futebol crescia no meio da juventude feminina, fez um projeto de marketing cujo grupo de jogadoras obedeceriam ao novo perfil da modalidade, de atletas jovens e, sempre que possível atraentes. Este projeto teve o intuito de minimizar o preconceito existente em relação ao futebol feminino e, assim, desenvolver o esporte no país. Acreditava-se que moças bonitas jogando futebol despertaria nas mulheres de todas as faixas etárias o interesse pela prática deste esporte

(REVISTA VEJA, 1996). Clubes tradicionais como Corinthians, Grêmio e Fluminense seguiram esta tendência.

Esta estratégia de se conquistar o público e recrutar um maior número de praticantes através do embelezamento das atletas do futebol, está novamente em alta através da proposta da Federação Paulista de Futebol e da Pelé Sports & Marketing para o Campeonato Paulista de Futebol Feminino 2001, no qual a beleza, como fator preponderante, aliada à técnica serviu de critério para a seleção das atletas que integrariam as equipes participantes (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001). Não podemos deixar de observar e repudiar todo o preconceito revelado nesta estratégia que, acaba por excluir grande parte das atletas que sonham em seguir uma carreira profissional no futebol, mas não se encaixam no perfil desejado e estabelecido pelos organizadores.

Também corroborando para esta mudança de cenário que temos acompanhado no Brasil, DARIDO (1999) acrescenta a participação da mídia que, de acordo com KENSKI (1995 citada por DARIDO, 1999), tem no esporte um espetáculo de fácil produção, baixo custo e grande rentabilidade.

DARIDO (1999) levanta a hipótese de que o futebol feminino tenha passado a fazer parte da programação televisiva a partir de 1994 por razões de ordem econômica, ou seja, surgiu como uma solução barata para cobrir a programação de um horário em aberto de uma rede de TV aberta.

A terceirização da administração do futebol feminino, aliada ao projeto de marketing e à divulgação pela mídia favoreceu a difusão do futebol feminino em todo o território nacional. Como frutos deste processo, o futebol feminino brasileiro já colheu dois quartos lugares em Jogos Olímpicos: Atlanta-1996 e Sydney-2000, uma terceira colocação no Mundial dos Estados Unidos em 1999 e um primeiro lugar nos Jogos da Amizade realizados na China em 2001; resultados que podem contribuir ainda mais para a massificação da modalidade.

## **EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO – Onde está a transformação social?**

A história da Educação Física mostra que ela foi sempre discriminatória mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos, a serviço de uma ideologia sexista. Para melhor exemplificar, na época da República quando a Educação Física foi introduzida na escola, a idéia de estender a atividade prática também para o sexo feminino foi veementemente rechaçada pela opinião pública, inclusive por alguns pais que chegaram a proibir a prática de atividades físicas por suas filhas, mesmo com risco de vê-las perder o ano escolar (ROMERO, 1994).

ROMERO (1994) acrescenta que, durante o Estado Novo a Educação Física serviu de instrumento ideológico à ditadura instalada, o governo militar investiu nessa disciplina em função de diretrizes pautadas no nacionalismo, na integração (entre os Estados) e na segurança nacional. Este quadro acabou colaborando para que a participação feminina ficasse restrita às comemorações e desfiles cívicos,

já que no campo esportivo, a maior concentração ficava centrada no sexo masculino.

As atribuições do professor de Educação Física na escola vinculam-se à finalidade de contribuir para a formação global do cidadão, incluindo-se assim, os aspectos biológico, cultural, social e afetivo. Dentro desta perspectiva cabe ressaltar a importância de proporcionar a todos os educandos, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado. No entanto, na prática podemos observar uma diversificação de tratamentos para meninos e meninas, perpetuando os modelos sexualmente tipificados pela família e sociedade.

“A título de comparação, observa-se comumente que os meninos são completamente livres e libertos. Jogam bola nas ruas, ... e desenvolvem outras atividades que lhes favorecem o desenvolvimento da motricidade ampla. Essa conduta tem total anuência dos pais, vizinhos e amigos. Por outro lado, as meninas, de um modo geral, são decididamente desencorajadas e, até mesmo proibidas de praticarem essas brincadeiras e atividades. ..., desenvolvem, como consequência, a motricidade fina.” (ROMERO, 1994, p. 229)

Este tratamento diferenciado, segundo ROMERO (1994), acaba resultando em um desempenho motor igualmente diferenciado.

Complementando, ROMERO (1994) argumenta que em uma observação da prática dos professores, constata-se, muitas vezes, a insistência de discriminação entre os sexos para as atividades físicas. Isto leva a uma compreensão do porquê da falta de habilidades motoras envolvendo os grandes músculos evidenciados pelo grupo feminino. Estas alunas, ao chegarem no 5º ano de escolarização, quando normalmente são trabalhadas por professores da área, apresentam um estágio de habilidades motoras significativamente inferior aos meninos.

ALTMANN (1998) discorre sobre a exclusão nos esportes e, aponta características muito interessantes que revelam não ser o gênero o principal motivo de exclusão nas aulas de Educação Física e nos esportes. Em seu estudo, a autora observou que apesar de os meninos em média participarem dos jogos mais do que as meninas, tanto quantitativa como qualitativamente, podia-se notar meninas que tinham um nível de participação próximo ao dos meninos e vice-versa. A autora sustenta que, mais do que uma exclusão de gênero – ou ao menos além dela - existe uma exclusão por habilidade.

Um dos fatores apontados por ALTMANN (1998) que leva a esta exclusão por habilidade, é o caráter competitivo presente na prática esportiva escolar. Este caráter competitivo acaba por promover uma “seleção natural”, onde apenas os mais aptos são aceitos. Assim, acoplados à habilidade têm-se a idade, a força e o gênero agindo como critérios determinantes desta “seleção natural”.

Portanto, o que podemos constatar é que por força do processo de transmissão cultural reforçam-se os preconceitos, colaborando para que as meninas não tenham as mesmas experiências dos meninos, criando-se então uma cadeia de situações que leva à exclusão e à falta de

motivação por parte das mesmas quanto à prática da Educação Física.

Uma alternativa para tentar reverter este quadro seria, na fase anterior à iniciação esportiva, do pré à 4.<sup>a</sup> série, oferecer para as meninas os mesmos estímulos motores amplamente explorados pelos meninos, minimizando-se assim os efeitos proporcionados pelo maior envolvimento dos meninos com diversas atividades que ocorre não só na escola, mas em casa, na rua, no parque, no clube. Além disso, durante a iniciação esportiva de 5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> série, seria importante instrumentalizar meninos e meninas para uma participação efetiva e prazerosa na cultura esportiva, para que ambos indistintamente possam desfrutar dos benefícios proporcionados por estas atividades, bem como a reflexão quanto às razões da construção histórica de papéis e atribuições diferenciadas.

### Metodologia

O estudo foi realizado nas escolas do Ensino Fundamental da rede pública estadual do município de Rio Claro – SP. A população estudada constituiu-se de alunas que cursavam a 7.<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental no ano de 2000, nas 14 escolas do município, sendo que deste universo foram escolhidas aleatoriamente 5 garotas de cada escola totalizando 70 participantes, as quais foram

submetidas a um questionário composto por 7 questões fechadas, algumas com complemento dissertativo que tratavam de esclarecer sobre a composição das turmas quanto ao sexo para as aulas de Educação Física e para a prática do futebol, sobre a prática do futebol na escola durante as aulas de Educação Física e em situações informais, sobre a ocupação generificada dos espaços destinados à prática desportiva e quanto à preferência esportiva das alunas.

Os questionários foram aplicados durante duas semanas, em grupos, pelo próprio pesquisador, que permaneceu com as 5 alunas em cada uma das 14 escolas, esclarecendo as eventuais dúvidas que pudessem surgir.

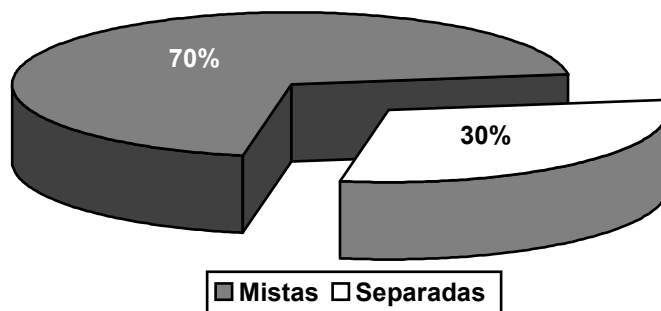
Tomou-se o cuidado de não detalhar o conteúdo dos questionários para as diretoras ou professoras das escolas, durante a conversa na qual o pesquisador solicitava a permissão para a aplicação dos mesmos, para que estas não direcionassem a escolha das participantes apenas para garotas praticantes de futebol, o que poderia tornar a pesquisa tendenciosa.

Os resultados foram analisados através da comparação percentual entre as respostas e da interpretação destes dados com base na literatura.

### Resultados e Discussão

Na primeira questão, procuramos conhecer como era realizada a divisão das turmas nas aulas de Educação Física, quanto ao sexo dos(as) alunos(as). Os resultados estão aqui apresentados no gráfico 1.

**Gráfico 1** - Como são as turmas nas suas aulas de Educação Física em relação ao sexo dos(as) alunos(as)?



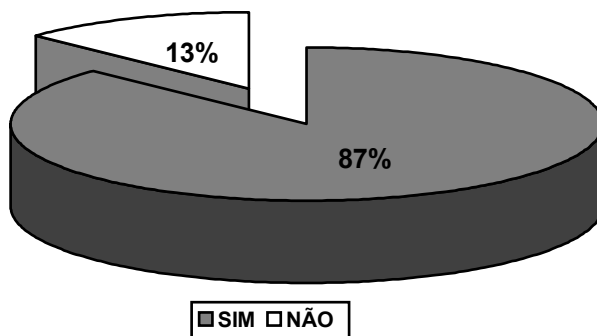
Os resultados indicaram que as turmas de Educação Física nas escolas pesquisadas são predominantemente mistas, de acordo com 49 respondentes (70 % do total). Porém, através dos diálogos mantidos com estas alunas durante a coleta de dados, constatou-se que apesar das turmas serem mistas, muitos meninos e meninas têm atividades diferentes em locais separados.

FREIRE (1989) sustenta que os principais argumentos utilizados para a separação por sexo nas aulas de Educação Física referem-se à superioridade dos meninos em quase todas as qualidades físicas. Porém, para o autor, este argumento só se justificaria se o objetivo exclusivo da Educação Física fosse o rendimento físico. Outro argumento frequentemente utilizado refere-se ao contexto cultural, que determina uma separação das crianças por sexo antes mesmo do ingresso na escola, o que poderia resultar em uma recusa da participação em atividades mistas por parte deles próprios. Contra este argumento o autor adverte que, manter esta separação seria o mesmo que reforçar o preconceito já existente, e conformar as pessoas à sociedade.

DARIDO (1999) constatou dificuldades de encaminhamento de propostas que implicam em co-educação. A partir da observação da prática de professores de Educação Física concluiu que a formação de uma auto-imagem positiva por parte das

garotas em atividades motoras, quando as aulas são mistas, precisa ser reforçada. Não se trata de valorizar o rendimento, mas de reconhecer que nem sempre somente o fato das aulas serem mistas reforça a formação de uma auto-imagem positiva das meninas, situações de fracasso vivenciadas pelas meninas podem acentuar uma relação de dominação generificada. Assim, uma alternativa viável seria a alternância de atividades mistas e separadas, de acordo com o objetivo e o andamento das aulas.

**Gráfico 2** – Você já teve alguma experiência com o futebol nas aulas de Educação Física neste ou nos outros anos?



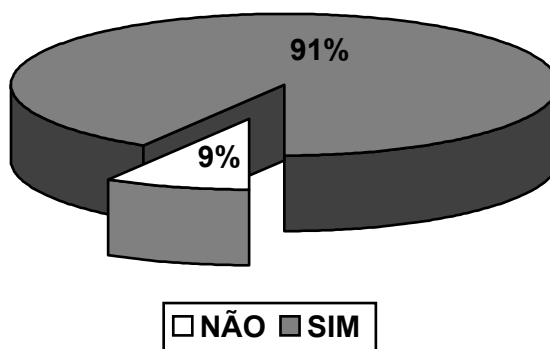
O gráfico 2, que representa os resultados da segunda questão, demonstra que a maior parte das participantes, 87 % (n = 61), já passou por algum tipo de experiência com o futebol nas aulas de Educação Física escolar. Este dado assume maior significância se comparado com os resultados de outros dois estudos. SOUZA JR. (1991) procurou implementar um programa de futebol feminino para uma turma de 5.<sup>a</sup> série no sentido de verificar as opiniões e as atitudes das garotas. Foi constatado em questão semelhante que, apesar da maioria das entrevistadas já terem experienciado o futebol, a escola não foi citada como o local desta prática. Em outro estudo, TÓDARO (1997) entrevistou jogadoras de futebol feminino com passagens pela seleção brasileira, e novamente a escola não foi indicada como um dos locais da iniciação futebolística das mesmas.

Apesar do estudo de TÓDARO (1997) ser relativamente recente, os dados obtidos remetem à infância das jogadoras entrevistadas, o que significa tratar-se ainda da década de 80, período no qual, apesar do futebol feminino ter a sua prática legalizada, não se tem conhecimento de manifestações regulares e efetivas desta prática com caráter recreativo ou educacional. Já o estudo de SOUZA JR. (1991) encontra-se em um período mais próximo, mas ainda não caracterizado pelas mudanças que propiciaram a difusão e maior aceitação do futebol feminino nas suas variadas formas de manifestação (rendimento, lazer e educação).

As grandes mudanças a que nos referimos, ocorridas sobretudo a partir de meados da década de 90, são proporcionadas pelo projeto de marketing adotado por algumas equipes que definia o perfil das atletas como jovens e sempre que possível atraentes, pela maior organização do futebol feminino no país, refletindo na conquista de bons resultados em importantes competições internacionais (Olimpíadas e Mundial) e pelos interesses da mídia, principalmente televisiva que passa a incluir a modalidade em parte de sua grade de programação, através de exibição de partidas, cobertura nos telejornais esportivos e até mesmo a inclusão do tema em telenovelas (por exemplo, Malhação).

Na 3.<sup>a</sup> questão, procuramos investigar se haviam nas escolas meninas que costumavam jogar futebol, e se esta prática ocorria nas aulas de Educação Física, no recreio, fora do período de aulas ou durante aulas vagas.

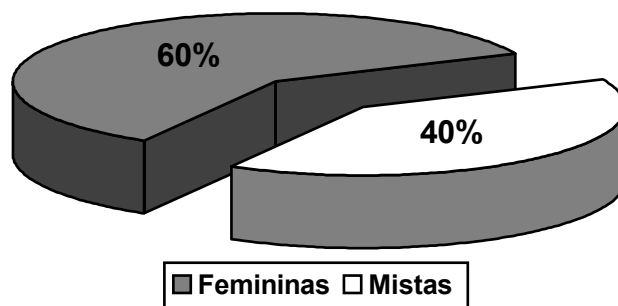
**Gráfico 3** – Meninas costumam jogar futebol em sua escola?



Além de confirmar os resultados da questão anterior, os dados apresentados no gráfico 3 sugerem que a prática do futebol feminino nas escolas da rede pública não ocorre de maneira esporádica. Mais do que isso através das respostas pôde-se constatar que, em muitos casos, as meninas jogam futebol nas aulas de Educação Física, o que pode-se considerar como uma atividade formal por se tratar de um componente curricular. Porém, este dado assume uma maior significância, se levarmos em conta que, como foi analisado na primeira questão, apesar das aulas serem mistas, meninos e meninas realizavam atividades separadas, o que abre a possibilidade destas meninas estarem conquistando espaços nos jogos dos meninos ou reivindicando o espaço para os seus jogos de futebol. Além disso, as respondentes indicaram que haviam meninas que jogavam futebol fora do horário de aula: recreio, aulas vagas, outros períodos, tratando-se neste caso de uma atividade voluntária, ou seja, estas garotas organizavam-se para jogar sem a interferência do professor.

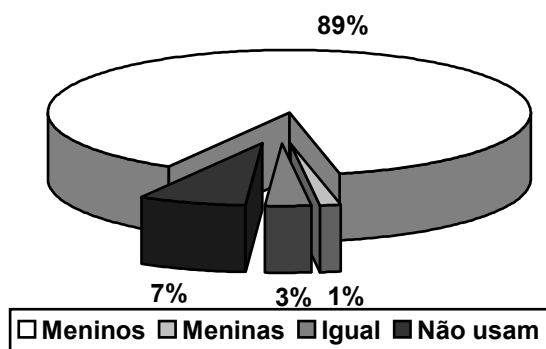
Outra consideração a ser discutida com relação a estes resultados, refere-se ao fato destas meninas, pelo menos aparentemente, não se preocuparem com possíveis manifestações de preconceito, ao contrário das entrevistadas por SOUZA JR. (1991) que, afirmaram naquela época (há mais de 10 anos atrás) que se os meninos observassem-nas jogando futebol diriam que elas pareciam “meninos”, que futebol é jogo para homem e iriam “tirar sarro” e xingá-las. Já em um estudo mais recente, SOUZA JR. (2000) constata, ao entrevistar garotas com idades entre 11 e 14 anos que participavam de um torneio escolar de futebol feminino, que as entrevistadas recebiam apoio e incentivo de familiares e amigos, inclusive dos meninos da escola. Este apoio é muito importante para que as meninas sintam-se a vontade para jogar, atenuando os efeitos do preconceito, propiciando às meninas condições par que ocupem os espaços dentro da escola para a prática do futebol.

**Gráfico 4** – Como são compostas as turmas que jogam futebol em sua escola quanto ao sexo: turmas exclusivamente femininas ou turmas mistas?



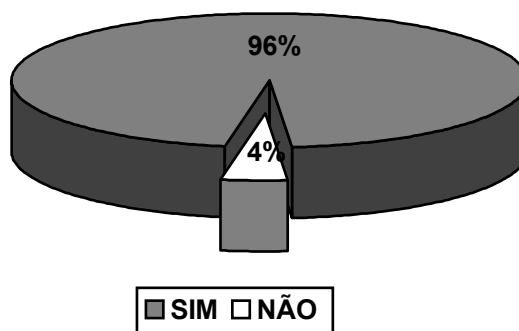
Pode-se constatar que na maioria das escolas pesquisadas as meninas praticavam futebol em turmas femininas, como apontam 60 % (n = 42) das participantes. Estes dados podem indicar a predisposição das meninas para praticar o futebol com grupos homogêneos, ou seja, onde o nível de habilidade não seja muito variado. ABREU (1995, citada por ALTMANN, 1998) constata que, ao considerarem as meninas inabilidosas, meninos têm uma predisposição em não aceitar sua participação nos jogos. O fato de elas serem mais aceitas quando demonstram saber jogar mostra que a discriminação nas aulas deve-se mais a uma falta de habilidade que ao fato de serem mulheres. Assim, as 40 % (n = 28) das entrevistadas que apontam para a prática do futebol em turmas mistas podem estar referindo-se às incursões de meninas habilidosas nos jogos dos meninos, ou de meninos inabilidosos nos jogos delas, porém estas hipóteses não podem ser confirmadas, pois não foram alvos desta investigação.

**Gráfico 5** – Como ocorre a ocupação da quadra fora do horário da aula de Educação Física?



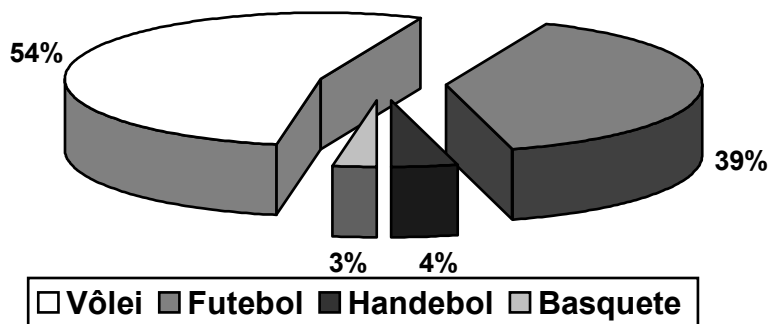
O gráfico 5, indica uma diferença que ainda continua significativa quanto à ocupação dos espaços destinados à prática esportiva, ou seja, de acordo com 89 % das respostas (n = 62) os meninos ocupam exclusivamente ou majoritariamente em relação às meninas estes espaços. Analisando a ocupação do espaço físico escolar, ALTMANN (1998) observa em seu estudo que meninos ocupam espaços mais amplos do que as meninas, podendo-se observar uma exclusão das meninas das quadras de futebol durante os recreios. Outros estudos citados por ALTMANN (1998) corroboram estes resultados. THORNE (1993) pesquisou o pátio de escolas fundamentais norte-americanas e constatou que meninos ocupavam dez vezes mais espaço do que meninas nos recreios da escola, controlando espaços maiores e principalmente destinados a esportes coletivos. GRUGEON (1995, citado por ALTMANN, 1998), pesquisando escolas elementares inglesas, constatou que o domínio masculino do espaço físico durante os recreios, ocorria principalmente através do futebol. Assim, assume-se que o esporte é um meio dos meninos exercerem domínio de espaço na escola, sendo os locais destinados à prática esportiva considerados redutos quase que exclusivamente masculinos.

**Gráfico 6** – O futebol deve fazer parte do programa de suas aulas de Educação Física?



Os resultados representados no gráfico 6 apontam que 96 % (n = 67) das participantes aprovam a idéia de ter o futebol como parte do programa de suas aulas de Educação Física, estes dados confirmam os de SOUZA JR. (1991) que encontrou em uma questão semelhante a esta 100 % de aprovação das alunas de 5.ª série quanto à inclusão do futebol na Educação Física, porém, relataram que a professora não oferecia este conteúdo em suas aulas. SERBIN (1984; citada por ALTMANN, 1998), pesquisando escolas elementares norte-americanas, constatou que professoras, por terem sido socializadas como mulheres, têm interesses específicos na sala de aula, conseqüentemente, acabam interagindo com as crianças, principalmente através de atividades de preferência feminina. Isso dificultaria a participação das meninas em atividades predominantemente masculinas como é o caso do futebol. Pode-se supor que este desejo das meninas de praticar o futebol em suas aulas de Educação Física, esteja ligado também à relação de poder exercida pelos meninos através do futebol, atrelado ainda à conquista de espaços destinados à prática da modalidade, especialmente as quadras poli-esportivas. ALTMANN (1998) afirma que o esporte – e mais especificamente o futebol – é um espaço masculino na escola, e, deste modo, a conquista pelas meninas deste espaço desafia a “soberania masculina”.

**Gráfico 7** – Indique o seu esporte preferido para jogar dentre: basquete, futebol, handebol ou voleibol.



De acordo com os dados apresentados no gráfico 5, podemos concluir que o futebol realmente tem uma boa aceitação entre as meninas, ficando em segundo lugar na preferência por modalidades esportivas com 39 % (n = 28), atrás apenas do voleibol que teve 54 % (n = 38) da preferência e superando expressivamente o basquetebol (3 %, n = 2) e o handebol (4 %, n = 3), que tradicionalmente são modalidades mais difundidas entre as meninas nas aulas de Educação Física. SANTOS & SOUZA JR. (2000) analisaram as escolhas de modalidades esportivas e atividade física por parte das alunas do ensino médio de um colégio particular para as aulas de Educação Física e, encontraram que a ginástica (53,4%, n = 77), foi a atividade mais escolhida dentre as quatro oferecidas. Voleibol (25,7%, n = 37), futsal (16%, n = 23) e basquetebol (4,9%, n = 7) não apresentaram diferença significativa estatisticamente ( $p < 0,05$ , teste de comparação entre proporções (COSTA NETO, 1977; citado por SANTOS & SOUZA JR., 2000)), porém, os valores absolutos indicam grande semelhança com os resultados do presente estudo, na medida em que indicam também uma preferência do voleibol quanto às modalidades esportivas seguido pelo futebol (no caso o futsal). Estes resultados sugerem que os(as) professores(as) podem encontrar ao menos um ponto favorável à implementação do futebol nas aulas de Educação Física das meninas, ou seja, a própria aceitação da modalidade por parte das alunas.

## Considerações Finais

O contraste entre o dispositivo legal que determina a composição de turmas mistas para as aulas de Educação Física e a prática dos docentes que normalmente optam pela divisão da turma em um grupo masculino e outro feminino em uma mesma aula, reflete a dificuldade e o despreparo dos professores para o trabalho co-educativo, em virtude de uma formação profissional inadequada e da própria história de vida destes professores marcada pela separação por sexo.

Entretanto, os programas de formação profissional devem estar atentos a estas problemáticas, incentivando e desenvolvendo, já na graduação, propostas de trabalho que envolvam a implementação e a discussão efetiva da co-educação. Deste modo os futuros professores passariam a conhecer as dificuldades e vantagens deste tipo de trabalho, podendo refletir e construir estratégias que efetivamente mostrem-se eficazes na sua prática.

Com base nos resultados analisados, consideramos que o futebol tem sido oferecido nas aulas de Educação Física às alunas do Ensino Fundamental da rede pública de Rio Claro, o que por si só já representa um dado significativo para este estudo, tendo em vista que em estudo realizado anteriormente por SOUZA JR. (1991) constatou-se, que apesar das participantes possuírem na maioria das vezes algum tipo de experiência com o futebol, a escola não aparecia como o local onde esta prática se desenvolvia. Esta entrada do futebol feminino na escola, pode ser analisada como reflexo de uma diminuição do preconceito com relação à modalidade, visto que os colegas (inclusive meninos) e familiares parecem apoiar e incentivar a participação das meninas em competições de futebol (SOUZA JR., 2000).

A opção pelas meninas por praticar, na maioria das vezes, o futebol em grupos exclusivamente femininos revela uma tendência à participação em jogos com turmas mais homogêneas, nas quais as possibilidades de fracasso podem ser atenuadas pela frequência maior em que ocorre o erro e onde a participação no jogo é mais efetiva. Além disso, este dado pode sugerir a possibilidade da exclusão das meninas dos jogos dos meninos devido à falta de habilidade das mesmas, remetendo ao emaranhado de exclusões apontado por ALTMANN (1998) que incluiria entre outros fatores, o gênero, a idade, a força e a habilidade.

Dois resultados contrastantes encontrados no presente estudo referem-se, por um lado, ao desejo demonstrado pelas alunas de que o futebol faça parte de suas aulas de Educação Física, e, por outro lado, à visível dominação exercida por parte dos meninos nos espaços destinados à prática esportiva e conseqüentemente ao futebol. Este contraste traz consigo implicitamente uma relação de disputa de poder, pois, sendo a quadra um símbolo do domínio masculino expresso, na maioria das vezes, através do futebol, a reivindicação por parte das meninas da inclusão do futebol em suas aulas de Educação Física, pode ser vista como uma resistência à dominação, ou mesmo uma tentativa de contra-dominação frente à hegemonia masculina.

A boa aceitação do futebol pelas meninas, demonstrada pela segunda colocação na preferência dentre as quatro modalidades questionadas no presente estudo, revela que os meios educacionais podem obter muitos benefícios, principalmente se utilizarem as questões relativas à prática do futebol para se discutir as relações de gênero presentes na sociedade brasileira, e assim participar efetivamente na formação do(a) cidadão(ã).

## Referências

- ALTMANN, H. Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (e) homens na Educação Física. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação.
- CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- DARIDO, S. C. Educação Física na Escola: Questões e Reflexões. Araras, SP: Gráfica e Editora Topázio, 1999.
- FARIA JÚNIOR, A. G. Futebol, Questões de Gênero e Co-educação – Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural, Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, n. 2, 1995.
- FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. Campinas: Scipione, 1989.



- FOLHA DE SÃO PAULO. Dá-lhe Peito. 17/03/97, 5º caderno, p. 3.
- FOLHA DE SÃO PAULO. FPF institui jogadora-objeto no Paulista. 16/09/01, caderno D, p. 5.
- LEITE, J. F. K. Proposta de um Programa em Iniciação ao Futebol Feminino. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 1999. Trabalho de Formatura, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física.
- REVISTA VEJA. Flores do Campo. Editora Abril, 30/10/96, pp. 72-73.
- ROMERO, E. A Educação Física a Serviço da Ideologia Sexista. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V. 15, n. 3, jan., 1994.
- SANTOS, J. W. & SOUZA JR., O. M. de Futsal Feminino como Opção nas Aulas de Educação Física no Ensino Médio. In: Revista Motriz. Vol. 7, N.º 1, Suplemento – II Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e VIII Simpósio Paulista de Educação Física, Resumos dos Temas Livres, Rio Claro – SP, 2001, p. S-158.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, Jul./dez. 1995.
- SOUZA JR., O. M. Implementação de um Programa de Futebol Feminino na Educação Física Escolar. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 1991. Trabalho de Formatura, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física.
- SOUZA JR., O. M. Futebol Feminino em Competições Escolares. In: 8.º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 2000, Lisboa - Portugal.
- TÓDARO, L. G. Considerações Acerca do Futebol Feminino no País. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 1997. Trabalho de Formatura, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física.

Endereço:

Oscar Moreira de Souza Júnior  
Rua 15, 1454, Bairro Cidade Claret  
Rio Claro SP 13503-090  
E-mail: [souzajr@claretianas.com.br](mailto:souzajr@claretianas.com.br)

*Manuscrito recebido em 16 de janeiro de 2002*

*Manuscrito aceito em 19 de março de 2002*